

**AS FRONTEIRAS NA “NOVA HISTÓRIA DA GUERRA DO PARAGUAI”:  
SUBSÍDIOS PARA UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA**

**THE BORDERS IN THE “NEW HISTORY OF PARAGUAYAN WAR”: SUBSIDIES  
FOR A HISTORIOGRAPHIC REVIEW**

Recebido em: 11/11/2021

Aceito em: 23/12/2021

Pedro Martins Mallmann<sup>1</sup>

**Resumo:** A proposta deste artigo é debater a maneira como as fronteiras são encaradas pela mais recente visão historiográfica que trata a Guerra do Paraguai. Para isso, subdividimos os textos selecionados em cinco grupos, a saber: As fronteiras de uma perspectiva econômica; De uma perspectiva política/diplomática; De uma perspectiva geográfica/histórica; De uma perspectiva indígena e as fronteiras nas perspectivas dos escravizadores/escravizados. Após uma breve análise (onde observamos também a área de atuação e as fontes primárias utilizadas pelos autores), ficou claro que a ideia de fronteira, para a perspectiva econômica, política/diplomática e geográfica/histórica é entendida majoritariamente como limite, como um elemento de separação e de tensão – embora essa visão não esteja isenta de nuances destacadas por cada autor. Por outro lado, as fronteiras vistas por escravizados e povos nativos podiam ter significados completamente distintos – como um elemento de esperança para a fuga, ou um elemento que fosse compreendido como introjetado na própria figura dos índios. Fica claro, ao fim do estudo, que se faz necessário buscar novos autores e novos tipos de fontes para o estudo aprofundado da fronteira na “Nova História da Guerra do Paraguai”.

**Palavras-chave:** Guerra do Paraguai; Fronteiras; Revisão historiográfica.

**Abstract:** The purpose of this article is to debate the way in which borders are faced by the most recent historiographical view that deals with the Paraguayan War. For this, we subdivided the selected texts into five groups, namely: The borders from an economic perspective; From a political/diplomatic perspective; From a geographical/historical perspective; From an indigenous perspective and borders from the perspective of enslavers/enslaved. After a brief analysis (where we also observe the area of expertise and the primary sources used by the authors), it was clear that the idea of the frontier, from the economic perspective, political/diplomatic and geographical/historical is mostly understood as a limit, as an element of separation and tension – although this vision is not without the nuances highlighted by each author. On the other hand, the borders seen by enslaved and native peoples could have completely different meanings - as an element of hope for escape, or an element that could be understood as introjected into the figure of the indians. It is clear, at the end of the study, that it is necessary to seek new authors and new types of sources for an in-depth study of the border in the “New History of Paraguayan War”.

**Keywords:** Paraguayan War; Borders, Historiographic Review.

## INTRODUÇÃO

Compreendemos a existência de uma gama de trabalhos sobre o confronto em questão. Trata-se da maior conflagração ocorrida na América do Sul. Esta colocação se dá

<sup>1</sup> Mestrando e bolsista (modalidade CAPES/ PROSUC II) no curso de pós-graduação da Universidade de Passo Fundo (UPF), campus I. Pesquisa sobre fronteira. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7937-5750>. E-mail: 190487@upf.br.

pela quantidade de países envolvidos; pelo efetivo de soldados empregado; devido o número de baixas entre militares e civis (alguns autores – como POMER, 1980, falaram em *genocídio* da população masculina paraguaia).

Mas não é apenas por motivos como estes que a Guerra do Paraguai, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai ou, como os paraguaios recordam, Guerra Guasú<sup>2</sup> é objeto de tanta atenção até os nossos dias. A contenda ajudou na consolidação dos Estados nacionais (o que é contestado por GUAZZELLI, 2009), na manutenção da hegemonia do Partido Colorado no Uruguai, na identidade e união nacional brasileira (além de contribuir para a projeção da casta militar na política e para o fim da escravidão e da monarquia) e na destruição do país comandado por Solano Lopez.

Consequentemente, a historiografia sobre o assunto é tão volumosa e abrangente quanto à importância da guerra. Os relatos mais antigos publicados em livro foram análises deixadas por militares ou por parentes que transcreveram depoimentos – como FRAGOSO (2009) e DOCCA (1919), entre outros. Neste primeiro momento, predominaram as interpretações positivistas e acusadoras de Solano Lopez como causador do conflito. Dos anos 1970 a meados dos anos 1990 a Guerra Fria, a ditadura militar no Brasil e o clima de efervescência revolucionária influenciaram escritores como CHIAVENATO (1979) a interpretar a Guerra do Paraguai como sendo causada pelo imperialismo inglês.

Por fim, revisando esta interpretação, os autores dos mais recentes estudos - como MENEZES (2013), MAESTRI (2013), QUEIRÓZ (2014), DORATIOTO (2002) e SALLES (1990) - estão inseridos no momento historiográfico chamado de “Historiografia Moderna” ou “Nova História da Guerra do Paraguai”. Estas leituras do conflito, já não tão influenciadas pela interpretação marxista, têm se mostrado frutíferas para o entendimento da Guerra Guasú.<sup>3</sup>

Contudo, mesmo entre os avanços obtidos pelos trabalhos recentes, existe um aspecto que acreditamos pode ser exposto: as fronteiras. Pouco destacado nas pesquisas, este ponto vai ser a nossa referência: como a historiografia recente analisou e compreendeu as fronteiras

---

<sup>2</sup> A Guerra Guasú – Guerra Grande paraguaia não deve ser confundida com a guerra de mesmo nome ocorrida no Uruguai de 1839 a 1851.

<sup>3</sup> A historiografia recente sobre a Guerra do Paraguai é muito grande e tem se debruçado sobre os mais variados aspectos do conflito. Não é possível comentar em um artigo todos os títulos que encontramos disponíveis na internet (são várias dezenas), mas gostaríamos de deixar registrado, além dos já citados, alguns textos que comentam a historiografia sobre este conflito de um modo mais geral e que podem introduzir o leitor ao assunto. São eles: BREZZO (2003), MAESTRI (2020), TEIXEIRA (2020) e GARCIA (2014).

na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai? Quais foram os autores, de qual área do conhecimento partiram, quais fontes primárias analisaram? Há algo que possa ser concluído das análises a que tivemos acesso? É disso que trataremos a seguir.

## **AS FRONTEIRAS NA GUERRA DO PARAGUAI: UMA PREMISSA, VÁRIOS DESDOBRAMENTOS**

Nosso texto, para cumprir que foi proposto na introdução, configura-se como uma pequena revisão historiográfica orientada para um tema que, tradicionalmente, não tem tanto destaque dentro das pesquisas. Para facilitar a exposição sobre a maneira como a fronteira é compreendida nos mais diferentes enfoques, procederemos metodologicamente da seguinte forma: Em primeiro lugar, destacaremos a área de atuação do autor; Logo em seguida, procuraremos mostrar quais as fontes primárias que ele utilizou para a construção de seus argumentos. Em terceiro lugar, narraremos brevemente os aspectos dos textos estudados que julgamos importantes para nossa revisão historiográfica. Por fim, daremos nossas impressões sobre o que foi colhido.

### **A) AS FRONTEIRAS DE UMA PERSPECTIVA PREDOMINANTEMENTE ECONÔMICA**

Aqui enquadraremos o texto de Nidia R. Areces chamado *Concepción, frontera paraguaya con el Mato Grosso, y la política económica de Carlos A. López. Entre la diplomacia y la guerra*. A professora construiu sua carreira na Universidade Nacional de Rosário (Argentina) trabalhando com a história paraguaia, notadamente a região norte do Paraguai e suas fronteiras.<sup>4</sup> Para este artigo, além de fontes secundárias, usou muitos documentos do Arquivo Nacional de Assunção - tais como decretos de Solano Lopez e correspondências de Concepción – a fim de compreender como estava posta a política econômica da região no pré-guerra.

A autora trata da política de povoamento de regiões de fronteira próximas do Império do Brasil (em especial a *Comandancia de Concepción*) como forma de preparo para um eventual conflito. Isso porque o governo paraguaio deteve mais territórios para as estâncias da pátria (para criação de gado e ervais) do que em outras regiões; essas terras ainda podiam ser arrendadas pala proprietários rurais que também acabavam monopolizando a posse da gleba.

---

<sup>4</sup> Outros textos que descobrimos da autora são: ARECES (1992, 1997, 1998a, 1998b, 2006 e 2011).

Cabe ressaltar o papel de importância que os homens da fronteira tinham para a região, inclusive por terem seus conselhos e experiências levados em conta pelo governo. Alguns eram comandantes de forças locais (o que assegurava o aumento praticamente imediato do número de soldados na região em caso de guerra).

No texto, enfim, a visão preponderantemente econômica da fronteira – que transparece em situações como a distribuição de terras e na manutenção excludente dos ervais e do gado – estava próxima da geopolítica, pois havia sempre a perspectiva de um conflito com o Brasil. Conseqüentemente, a situação envolvia a militarização da região, que acabava por em grande parte ficar a encargo dos senhores da terra locais, experientes nas lides da fronteira.

## **B) AS FRONTEIRAS DE UMA PERSPECTIVA PREDOMINANTEMENTE POLÍTICA/DIPLOMÁTICA**

Para esta sessão, escolhemos como exemplos falar dos autores Francisco Doratioto<sup>5</sup> e Thaís Bettu Grezzana e de seus respectivos textos *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai* e *O processo de definição das fronteiras: O Brasil como ator pacífico?*

O professor Francisco Doratioto leciona na Universidade de Brasília e no Instituto Rio Branco. Seus estudos giram em torno da história política e diplomática, tendo como objeto de várias de suas obras a Guerra do Paraguai. Doratioto recorre, entre outras fontes primárias, a fotos, livros, jornais, memórias e publicações da época, documentação depositada junto aos arquivos de várias nações.

Segundo este autor, os interesses políticos e diplomáticos do Império no estabelecimento das fronteiras procuravam: A livre navegação no Prata e a contenção da influência argentina (para isso, se advogava a manutenção das independências do Paraguai e Uruguai). De fato, o Brasil tinha a menor das duas querelas territoriais com o Paraguai, e se esforçou para que a Argentina aceitasse não obter todo o território declamado, inclusive para isso indo contra o que tinha ficado anteriormente acordado na questão de limites no Tratado da Tríplice Aliança.

Para o Paraguai, fazer a guerra era uma forma de forçar o estabelecimento de limites fronteiriços era uma forma de projetar diretamente seu poder na bacia do Prata (além de salvaguardar sua existência, bem como a do Uruguai, como países independentes). Para a

---

<sup>5</sup> O professor Doratioto também possui um texto muito bom (2008) sobre as relações do Império do Brasil e a Argentina.

Argentina (como para o Brasil), a questão fundamental era impedir que a potência concorrente obtivesse a hegemonia na região, além da manutenção de uma ordem interna duramente conquistada - sem contar o velho sonho de estabelecer uma república forte que absorvesse os territórios do antigo Vice-Reino do Prata.

Thaís Grezzana desenvolve um belo trabalho de conclusão de curso em Relações Internacionais ao procurar compreender as diferenças e implicações a respeito das narrativas sobre o estabelecimento das fronteiras do Brasil. Suas fontes são majoritariamente secundárias, fora entrevistas consultadas no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). Seu estudo é essencialmente sobre a história diplomática. Nesse campo, a autora explica que as duas correntes que trabalham o tema são: a que trata o Brasil como ator pacífico e conciliador (majoritária, positiva) e a que vê o Brasil como ator imperialista e bélico (visão minoritária, negativa). Para a corrente que trata o Brasil como ator imperialista, a Guerra do Paraguai seria a terceira e maior intervenção no Prata (a primeira teria sido a Guerra contra Oribe e Rosas e a segunda a Guerra para apoiar Flores a manter o governo uruguaio). Portanto, se para a diplomacia brasileira é interessante promover a história da consolidação das fronteiras como resultado de uma política conciliadora e pacifista, por outro lado as fronteiras (especialmente se tratando da região do Prata) teriam sido resultado da guerra e do imperialismo brasileiro.

### **C) AS FRONTEIRAS DE UMA PERSPECTIVA PREDOMINANTEMENTE GEOGRÁFICA /HISTÓRICA**

Para tratar da fronteira sob esta perspectiva, pensamos que os mais adequados são os textos de Manoel Fernandes Souza Neto (autor de *Linhas d'água na delimitação do território - O Mapa dos Limites do Império do Brasil com o Paraguay de 1872*) e Márcio Gimene de Oliveira (autor de *A Fronteira Brasil-Paraguai: principais fatores de tensão do período colonial até a atualidade*).

O professor Neto leciona na Universidade de São Paulo e se dedica a temas como a geografia histórica. A análise que faz de suas fontes (mapas da época anterior e posterior que tratam de delimitar as fronteiras do Império do Brasil com o Paraguai) demonstra que aqui o tema das fronteiras vistas sob uma ótica política está intimamente ligado à cartografia diplomática e militar. Isto porque, segundo Neto, fica claro que os esforços do Império do Brasil para reconhecer e estabelecer suas fronteiras, além de servir para desbravar

previamente um território sob disputa, também devia justificar suas demandas frente a países europeus considerados “civilizados”- identificação que o Império do Brasil almejava.

Oliveira escreve uma dissertação chamada que aborda as tensões entre Brasil e Paraguai desde o período colonial até os nossos dias. Fica claro que o autor, que construiu sua carreira trabalhando em cargos técnicos no ambiente público (como quando ocupou o posto de Coordenador de Temas Estratégicos e Coordenador-Geral de Gestão do Conhecimento no Ministério do Planejamento durante os anos do governo PT), usa seu espaço acadêmico para desenvolver temas que o acompanham no trabalho.

Para isso, utiliza fontes secundárias sobre fronteira e história diplomática. Aqui a definição das fronteiras é vista como um ponto que oscila entre a separação e interpenetração da soberania e dos interesses dos governos paraguaio e brasileiro. Para isso contribuem as águas, pois, se demarcam politicamente, integram economicamente.

No que diz respeito especificamente às fronteiras estipuladas em após a Guerra do Paraguai em 1872, Oliveira faz uma série de considerações a partir de autores como Ratzel e as “fronteira como detenção temporária de um movimento” (OLIVEIRA, 2008, p. 58); Ancel e as fronteiras como “*isóbaras políticas* que estabelecem o equilíbrio entre linhas de igual pressão” (OLIVEIRA, 2008, P. 58); e Raffestin, que nos conta que projetos sociais antagônicos (como aqueles propostos por um Império e uma República) podem entrar em conflito – principalmente se um deles possui desejo expansionista.

Ainda, segundo Oliveira, Machado (OLIVEIRA, 2008, p. 58-59), partindo de Ratzel, trata da distinção entre limites (voltados pra dentro) e fronteiras (voltados pra fora). Aqui a fronteira é entendida, portanto, como parte de um desejo de expansão do Paraguai. Por fim, a fronteira em conflito (durante a guerra) se tornou uma fronteira *de jure* após a paz; Mas não houve necessariamente diminuição das tensões, visto que o estabelecimento de limites não faz com que a fronteira deixe de existir.

#### **D) AS FRONTEIRAS DE UMA PERSPECTIVA PREDOMINANTEMENTE INDÍGENA**

Para compreender como os indígenas interagiram com o tema das fronteiras durante a Guerra do Paraguai, tivemos que recorrer ao texto de Cirlene Moreno Corradini *Os Guaikurú-Kadiwéu no contexto da Guerra do Paraguai: Fronteiras, relações interétnicas e territorialidade*.



Corradini<sup>6</sup>, em sua dissertação, se utiliza de documentação microfilmada do Ministério dos Negócios e da Guerra, além de correspondência oficial da Diretoria Geral dos Índios com a Presidência da Província do Mato Grosso e muitas fontes secundárias. Sobre a fronteira, faz algumas considerações interessantes a respeito de um povo nativo em particular, os Guaikuru-Kadiwéu.

Era uma nação que, à maneira de muitas outras, tinha uma noção de sua própria territorialidade como sendo não estática, ou seja, seu território se movia na medida em que a comunidade se deslocava em busca de satisfazer suas necessidades de alimentação, entre outras. Logo, suas fronteiras não eram necessariamente as mesmas dos nascentes Estados na região. Como salienta a autora, um exercício intelectual necessário é

(...) reconhecer, através de um contínuo esforço crítico, a real situação resultante da relação colonizador/colonizado. Trata-se de explicitar a coexistência da produção de várias fronteiras, “fronteira da civilização (demarcada pela barbárie e que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano” (MARTINS, 1997, p. 13 Apud CORRADINI, 2007, p. 58-59).

Além de toda essa complexa rede de fronteiras que se entrecruzam e se sobrepõem, o fato é que os Guaikuru-Kadiwéu eram aliados dos portugueses e, posteriormente, dos brasileiros contra os espanhóis e seus sucessores, os paraguaios. Conheciam o Chaco e eram inimigos das tribos aliadas aos paraguaios, situação que já vimos relatada em artigos acima. E desempenharam papel fundamental na Guerra do Paraguai:

Note-se a importância do envolvimento dos Guaikuru quando, ao desempenhar as funções de sondagem e patrulhamento da região, foram usados pelos brancos como **fronteiras vivas**, executando uma tarefa fundamental, já que jamais indivíduos que desconheciam o território poderiam realizar. Fazendo parte do batalhão que invadiu o Paraguai, também deram sua contribuição efetiva para que o Brasil levasse a guerra contra o Paraguai a bom termo (CORRADINI, 2007, p. 110. Grifo nosso).

Aqui está um aspecto que a autora acrescenta à vivência fronteiriça dos nativos: os indígenas como fronteiras vivas. É um pensamento que possivelmente derivou da observação de Corradini das múltiplas fronteiras da região.

---

<sup>6</sup> Não conseguimos informações sobre a atuação profissional mais recente da autora.

## E) AS FRONTEIRAS NAS PERSPECTIVAS DOS ESCRAVIZADORES/ESCRAVIZADOS

Para contemplar essa visão, escolhemos falar do texto de Paulo Roberto Staudt Moreira *Sobre fronteira e liberdade – Representações e práticas dos escravos gaúchos na Guerra do Paraguai (1864-1870)*.<sup>7</sup> Professor da Unisinos, este historiador se dedica a estudar, entre outros assuntos, a resistência dos escravizados no Rio Grande do Sul utilizando, como uma de suas fontes mais importantes, documentos (como relatórios) produzidos pela polícia.

Moreira nos conta que nos períodos de guerra (e, especificamente no caso estudado, durante a Guerra do Paraguai), a classe dirigente da província precisava manter o seu domínio frente a duas ameaças: agressão estrangeira e revolta da escravaria. O autor, conseqüentemente, não lida apenas com a fronteira física, mas também com a fronteira de classe, que divide senhores e escravos. Esta última fronteira, inclusive, faz com que os cativos que busquem lutar contra a sua realidade tenham uma visão de fronteira completamente distinto de seus senhores. Nas palavras do historiador:

A fronteira era uma área percebida de forma diferente pelos diversos grupos sociais, de acordo com suas expectativas e desejos. Para uns era o local do contrabando, da passagem ilegal de tropas, da fuga à justiça do império. Para os cativos, optamos por essa zona como próxima à utopia, ou seja, como uma representação com os limites imprecisos de uma sociedade possível, diferente, associada à liberdade. (MOREIRA, 1998, págs. 143-144)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando responder nossa questão, chegamos à conclusão de que a historiografia moderna sobre a Guerra Guasú, também chamada de “Nova história da Guerra do Paraguai” analisa as fronteiras na guerra do Paraguai de forma instigante e variada. Os autores selecionados não esgotam o assunto (e não se propuseram a isso, vale dizer), mas queremos destacar que há espaço em todas as perspectivas analisadas para explorar melhor o tema:

Se para Areces, a ocupação econômica da fronteira era um elemento de afirmação e separação de territórios, a atuação dos fronteiriços indica que o território era local de trânsito,

---

<sup>7</sup> O professor Paulo Roberto Staudt Moreira revisitou o texto a que nos referimos anos depois (MOREIRA, 2016). Do novo escrito, é interessante notar que as referências à fronteira nos planos dos escravizados, após a Guerra do Paraguai, diminuem. Isso acontece possivelmente pelos escravizados compreenderem que a situação política se alterou e buscar ajuda no estrangeiro deixa de ser tão atrativo como era no período da refrega. Além deste texto, a relação entre escravidão e fronteira (mas não mais durante o período da Guerra do Paraguai) aparece ainda nos artigos de 2010 e 2019.



de caminho, de troca. Não podemos deixar de relacionar estes fronteiros aos senhores da guerra do sul do Brasil, no Rio Grande do Sul. Ambos os grupos desempenham o papel de defensores e eventuais agressores na região da fronteira - embora os paraguaios pareçam responder à Assunção, enquanto os sul-rio-grandenses tivessem históricas divergências com o Rio de Janeiro. É algo que merece ser analisado.

Doratioto e Grezzana nos mostram que a fronteira vista de modo político/diplomático pode ser entendida como limite, mas não sem a devida compreensão do jogo entre Estados e do imperialismo. No âmbito da política e da diplomacia, às vezes, mais do que ganhar, importa que o adversário não saia fortalecido demais. É preciso estar atento para as nuances.

Sobre a fronteira pelo prisma geográfico/histórico, nos surpreendemos com as interpretações de Neto, para quem o estabelecimento da fronteira (novamente vista como limite) é subir um degrau a mais no concerto da civilização europeia, perante a qual o Brasil ansiava por ser reconhecido como igual. Já Oliveira se utiliza de vários conceitos para interpretar a fronteira como um ponto de partida para a expansão do Paraguai (no período anterior à guerra, se compreende). Essa situação não se manteve, contudo: com a derrota, as fronteiras em conflito foram retificadas e se transformaram em fronteiras *de jure*.

Pensando as fronteiras indígenas, Corradini nos chamou a atenção a utilização dos índios pelo homem branco para estabelecer o controle sobre o território em litígio, ou, como disse a autora, empregar os indígenas como fronteiras vivas do Império. Essa era uma situação pela qual os indígenas passaram que nos era desconhecida. A adaptação/negociação dentro de um cenário imposto não era exclusividade dos nativos, contudo: algo semelhante acontecia com a população escravizada.

Para escravizadores e escravizados temos um cenário ainda mais complexo, pois, segundo Moreira, a interpretação sobre a fronteira muda de acordo com a classe que a enxerga. Se para os escravizados a fronteira durante a Guerra do Paraguai era uma terra de promessa, para os escravizadores era uma terra ameaçadora, para onde seus escravos podiam fugir e de onde o inimigo podia surgir.

Como últimas considerações, gostaríamos de salientar que apenas Oliveira, dentre todos os autores, pode ser desvinculado da universidade. Além disso, as fontes primárias utilizadas por praticamente todos os escritores eram de origem oficial e governamental com poucas exceções. Para um estudo mais aprofundado sobre a fronteira na “Nova História da

Guerra do Paraguai”, é necessário buscar nomes que tragam novas abordagens de preferência utilizando outros tipos de fontes.

## REFERÊNCIAS

ARECES, N. R. Concepción, frontera norte del Paraguay durante la Gobernación Intendencia, espacio de conflicto colonial. *In: Suplemento antropológico*. Revista do Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica de Asunción (CEADUC), n°. 27, fascículo 01, p. 125-157, 1992.

ARECES, N. R. Concepción, frontera paraguaya con el Mato Grosso, y la política económica de Carlos A. López. Entre la diplomacia y la guerra. *In: Mundo Agrario*. Revista de estudios rurais do Centro de Historia Argentina y Americana - unidade de investigação do Instituto de Investigações em Humanidades e Ciências Sociais. Universidad Nacional de La Plata, v. 5, n° 10, primeiro semestre de 2005. Disponível em: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art\\_revistas/pr.559/pr.559.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.559/pr.559.pdf). Acessado em 27/07/2021.

ARECES, N. R **Estado y frontera em el Paraguay**. Concepción durante el gobierno del Dr. Francia. Assunção: Editora CEADUC, 2011. Coleção Biblioteca de estudos paraguaios – volume 68.

ARECES, N. R La Expansión Criolla En La Frontera Norte Del Paraguay: Estancieros y Chacrereros En Concepción, 1773 – 1840. **Revista Europea De Estudios Latinoamericanos y Del Caribe**, n°. 62, p. 54–69, 1997.

ARECES, N. R Los Mbayás en la frontera norte paraguaya. Guerra e intercambio en Concepción, 1773-1840. *In: Anos 90 – Revista do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, vol. 06, n° 09, p. 56-82, 1998a.*

ARECES, N. R. La política de tierras em Concepción, frontera norte paraguaya, durante el gobierno de Carlos. A. López. Prohistoria: história, políticas de la história, **Revista do programa de pós-graduação da Universidade Nacional de Rosário**. Ano II, n° 02, p. 93-106, 1998b.

ARECES, N. R.. Terror y violencia durante la Guerra del Paraguay: ‘La masacre de 1869’ y las familias de Concepción. **European Review of Latin American and Caribbean Studies**, n°81, p. 43-63, 2006.

BREZZO, L. M. La historiorafía paraguaya: Del aislamiento a la superación de la mediterraneidad. **Diálogos**, DHI/UEM, v. 7. p. 157-175, 2003.

CHIAVENATTO, J. J. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1984.

CORRADINI, C. M. **Os Guaikurú-Kadiwéu no contexto da Guerra do Paraguai: Fronteiras, relações interétnicas e territorialidade.** 126f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2007.

DOCCA, S. **Causas da Guerra com o Paraguay:** Autores e responsáveis. Porto Alegre: Livraria Americana – Cunha, Rentzsch & C., 1919.

DORATIOTO, F. O Império do Brasil e a Argentina (1822-1889). **Textos de História** – Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, v. 16, nº 02, p. 217-247, 2008.

DORATIOTO, F. **Maldita guerra:** nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRAGOSO, A. T. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai** (5 vols.). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.

GARCIA, G. I. A Guerra do Paraguai em diferentes interpretações. **Cadernos de Clio**, Curitiba, n.º 5, p. 15-37, 2014.

GREZZANA, T. B. **O processo de definição das fronteiras:** O Brasil como ator pacífico? Trabalho de conclusão de curso. 78 f. Graduação em Relações Internacionais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GUAZZELLI, C. A. B. Regiões-províncias na Guerra da Tríplice Aliança. *In: Topoi*, v. 10, n. 19, p. 70-89, jul.-dez. 2009.

MAESTRI, M. **A guerra no papel:** História e Historiografia da Guerra no Paraguai (1864-1870). Porto Alegre: Clube de Autores, 2013. Coleção Mar del Plata.

MAESTRI, M. Por uma historiografia dos povos sobre a Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai. **Semina** - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF, vol. 19, nº. 2, p. 117-140, Mai/Ago 2020.

MARTINS, J. de S. O tempo da fronteira. *In: Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.* São Paulo: Hucitec, 1997.

MENEZES, A. de M. **A guerra é nossa:** a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai. São Paulo: Contexto, 2013.

MOREIRA, P. R. S. “Abusando da fraqueza e simplicidade do ofendido”: Significados da liberdade e da escravidão, trabalho e ensino na fronteira meridional do Império brasileiro (século XIX). **Canoa do Tempo** – Revista do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, v. 11, nº 01, p. 45-77, 2019.

MOREIRA, P. R. S. Saquear a povoação, roubar as mulheres e se reunir com os castelhanos: Seduções, boatos e insurreições escravas no Rio Grande do Sul na segunda metade dos

oitocentos. **Revista de História Regional** – Revista do programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, v. 21, nº 01, p. 34-61, 2016.

MOREIRA, P. R. S. Sobre fronteira e liberdade – Representações e práticas dos escravos gaúchos na Guerra do Paraguai (1864-1870). In: **Anos 90** – Revista do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 06, nº 09, p. 119-149, 1998.

MOREIRA, P. R. S. Por se ter queimado uma preta escrava, com o pretexto de bruxaria: Fronteira, impunidade e crença dos senhores no poder mágico-religioso de seus cativos (Rincão de Artigas / 1856). **História em Revista** – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Editora da UFPel: Pelotas, v. 16, p. 25-52, 2010.

NETO, M. F. de S. Linhas d'água na delimitação do território. **Terra Brasilis**. Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, nº 12, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/4862?lang=en>. Acessado em: 27/07/2021.

OLIVEIRA, M. G. de. **A Fronteira Brasil-Paraguai**: principais fatores de tensão do período colonial até a atualidade. 110f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

POMER, L. **A Guerra do Paraguai**: A grande tragédia rioplatense. São Paulo: Global Editora, 1980. Coleção Passado X Presente. Volume 7.

QUEIRÓZ, S. de. **Revisando a revisão: Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai** de J. J. Chiavenato. Porto Alegre: Clube de Autores, 2014. Coleção Mar del Plata.

TEIXEIRA, F. B. Os 150 anos de uma historiografia em conflito (1870-2020). **Semina** - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF, v. 19, nº. 02, p. 9 - 20, Mai/Ago 2020.